

# Armados, os índios fecham rodovia

## Mestrinho defende a exploração mineral

MANAUS  
AGÊNCIA ESTADO

O governador Gilberto Mestrinho é favorável à abertura de reservas indígenas para explorações minerais e afirma, como descendente de índio que é, que o índio não quer viver isolado e "isso é conversa de quem tem até medo de chegar perto de um".

Neto de índia, o governador amazonense viveu muitos anos ligado diretamente aos indígenas da região, conhecendo as tribos mais numerosas e importantes do Amazonas, como os tucanos, os ticunas, os satere-maues, e os mundurucus, e por isso mesmo afirma conhecer suas necessidades e saber o que eles querem.

Segundo Mestrinho, há muita gente falando de índio sem nem sequer ter-se aproximado de um deles, por simples medo. "Então, que verdade podem conter certos questionamentos à respeito das comunidades indígenas, feitos simplesmente porque todo mundo quer falar de índio", indaga o governador.

Na sua opinião, ao se permitir explorações minerais nas áreas das reservas indígenas, "estamos ajudando a levar atividades econômicas e benefícios sociais para essas populações indígenas, ao mes-

mo tempo em que se amplia a área de ação da atividade mineral no Estado".

O governador acrescenta que o processo precisa ser racional, mas deve ser iniciado. "Temos é que começar o processo, nada se faz sem começo", afirma, alertando para o fato de que, antes de se permitir a entrada nas reservas indígenas, "é preciso demarcar suas terras, e no Amazonas, em particular, não existe quase nada demarcado".

As áreas destinadas à exploração mineral (em área indígena) não chegam a 2/3 das chamadas reservas, daí Mestrinho admitir ser possível ao governo fazer o controle da utilização dessas áreas, de modo que seja possível "fazer chegar aos índios os benefícios de que dispomos e permitir a participação deles no próprio trabalho de mineração".

Em sua vivência com os povos indígenas do Amazonas, o governador Gilberto Mestrinho afirma que, enquanto alguns pretendem deixar o índio à margem do processo de crescimento do País, "nós sabemos o que eles querem e o que eles querem é muito simples: instrumentos agrícolas, sementes para plantar, conhecimento de novas técnicas agrícolas. Ele não querem viver isolados".

BARTHOLOMEU RODRIGUES  
Enviado especial

Mais de 200 índios armados estão bloqueando, desde a manhã de ontem, a Transamazônica no trecho que passa a 25 quilômetros da cidade de Tocantinópolis, no Norte de Goiás, enquanto pelo menos outros 400 guerreiros de várias tribos se preparam para iniciar, a qualquer momento, a demarcação de 148,6 mil hectares de terras para os índios apinajés, independentemente de qualquer negociação em Brasília para pôr fim ao conflito que envolve fazendeiros e posseiros da região.

A situação está fora de controle. Nem mesmo o cacique txucarramãe Raoni consegue esfriar os ânimos dos guerreiros dispostos a "lutar até morrer" pela posse da terra, em nome dos apinajés. Momentos antes do bloqueio da Transamazônica, Raoni havia dado a sua palavra ao capitão Martins, responsável pelo comando de 120 homens da Polícia Militar que formam uma barreira para separar as partes em conflito, de que os índios voltariam à aldeia São José, dando prazo até hoje de manhã para uma resposta do presidente da Funai, Nelson Marabuto.

A decisão de Raoni, apoiada pelos caciques das tribos Crenacarore, Xavantes e Terena, não agradou aos guerreiros em posição de combate na altura da estrada onde há uma entrada para a aldeia. Ao tentar negociar com os índios uma solução pacífica, o sertanista Cláudio Romero, destacado pela Funai para a área, chegou a receber ameaças de morte, tendo o índio Romão se dirigido a ele afirmando que já sabia qual o sabor do "sangue de civilizado". Mesmo assim, Romero evitou que os índios descessem a estrada e iniciassem picadas, esvaziando os pneus do caminhão da Funai e procurando imedia-

tamente a colaboração da Polícia Militar.

"Vamos depositar mais esse crédito em Marabuto. Fechar a estrada não vai contribuir em nada, muito pelo contrário. Se nada ficar definido amanhã (hoje), não estarei mais aqui para conversarmos", prometeu o capitão Martins ao convencer Raoni a aceitar uma escolta policial até o povoado de Nazaré — a 32 quilômetros de Tocantinópolis —, de onde o cacique txucarramãe e o sertanista Cláudio Romero telefonaram para o presidente da Funai, informando que os índios já se sentiam em guerra aberta com os brancos. De Marabuto, Romero disse ter ouvido "mais promessas", enquanto Raoni sintetizava a situação dizendo-se incapaz de segurar o seu povo. "Eles estão de cabeça quente. Já esperaram demais e agora tenho que morrer com eles." Antes de desligar, porém, o cacique deu um último conselho ao presidente da Funai:

— Corra, e vá falar com Figueiredo, com Venturini e com Andreazza. Os índios tão ficando bravos comigo também. Fale com Tancredo, fale com ele.

### Romero ameaça sair

Cláudio Romero ficou irritado ao telefone ao saber que, em Brasília, os órgãos de segurança creditam parte da hostilidade dos índios ao seu trabalho como sertanista na área, autorizando Marabuto a retirá-lo caso pense o mesmo. "Quem está segurando essa situação sou eu, que estou aqui há mais de dois meses. Antes disso, os índios já estavam prontos para a guerra, mas agora a situação piorou e não tenho mais nem o que dizer aos índios. O Conselho de Segurança Nacional, em vez de ficar procurando culpados, devia resolver essa situação logo", desabafou o sertanista.

No bloqueio, os índios apinajés comandados pelo guerreiro Romão não admitem a aproximação nem mesmo dos jornalistas que, antes, eram tratados cordialmente por toda a aldeia. Uma equipe de televisão foi afastada sob a ameaça de bordunas atiradas de longe, e durante uma manobra do veículo que conduzia a

equipe de O Estado de S. Paulo, o motorista Francisco Vieira precisou explicar a índios xavantes armados de espingardas que estava naquele local a serviço da imprensa, temendo ser identificado como um morador de Tocantinópolis.

Localizado em terras que os apinajés historicamente reivindicam como suas, Tocantinópolis está, no momento, isolada por terra, na direção Sul do Estado, para onde só é possível ir através do Maranhão, contornando o rio Tocantins, onde uma balsa triplicou o seu movimento atravessando caminhos de carga que abastecem de mercadorias o comércio local. Nesse isolamento, cada um começou a responder por si, pois nem mesmo o prefeito, José Sabóia, há mais de quatro dias ausente da cidade, dá sinais de vida para acalmar a população.

Como resultado, posseiros e pequenos fazendeiros que não querem pegar em armas estão abandonando às pressas as suas propriedades.

### Reunião em Brasília

Os ministros Mário Andreazza (Interior) e Danilo Venturini (Assuntos Fundiários) não chegaram ontem a um acordo sobre a questão dos índios apinajés. Andreazza defendeu a posição da Funai, que reivindica a demarcação de uma área de 148.600 hectares para os índios, e Venturini insistiu na proposta levada ao grupo interministerial que estuda o problema pelo Getat — Grupo de Terras do Araguaia Tocantins e Incra —, que quer a redução da área para 103.000 hectares, deixando de fora a rodovia Transamazônica.

Preocupado com a indefinição do governo, o chefe de gabinete da Funai, Marcos Terena, disse que os indigenistas que estão na área não têm mais condições de evitar que os índios voltem a demarcar, por conta própria, a área que ocupam ou que interditem a Transamazônica. "A Funai pediu tempo aos índios para resolver o problema — disse ele —, pois tínhamos a esperança de que se chegaria a uma solução para o impasse, o que não ocorreu. Agora não podemos mais garantir que os índios irão esperar."

CFEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Estado de S. Paulo

Class.:

131

Data:

07.02.85

Pg.: